

## O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL E A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO DE ESTUDO DA LINGUAGEM

### THE COURSE IN GENERAL LINGUISTICS AND THE CONSTITUTION OF LANGUAGE STUDY AS A SCIENTIFIC FIELD

Karina Giacomelli<sup>43</sup>

Adail Sobral<sup>44</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir o estabelecimento do campo científico de estudo da linguagem a partir da referência ao *Curso de Linguística Geral (CLG)*. Considera-se esse livro como o discurso fundador da Linguística, defendendo-se a ideia de que as correntes linguísticas têm, na obra saussuriana, o ponto de balizagem para seu estabelecimento, em relações de filiação e continuidade ou em oposição e ultrapassagem. Adota-se a perspectiva da constituição de uma disciplina científica fundada a partir da figura de um precursor que legitima a criação de um campo, permitindo determinar seu objeto e projetar seu horizonte disciplinar. Saussure (e o *CLG*), ao estabelecer a língua como objeto da Linguística, definiu um ponto de referência comum para que se desenvolvessem as mais diversas correntes linguísticas, do estruturalismo, cujo conceito basilar é o sistema, redesignado estrutura, até aquelas que negam o reducionismo dado a esse objeto na teoria explicitada no livro. Criou-se, assim, uma pluralidade de teorias que, mesmo superado o paradigma estrutural, ainda precisa do *CLG* para manter a unidade da Linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística. Ciência. Disciplina. Curso de Linguística Geral.

**ABSTRACT:** This article aims at discussing the way language study was constituted as a scientific field, by considering Saussure's *Course in General Linguistics (CGL)*. We take his book to be Linguistics' founding discourse, and this paper argues for the idea that linguistic currents have had in the Saussurean work the landmark for their proposals, both as regards affiliation and continuity and opposition and supersession. We adopted here the perspective according to which the constitution of a scientific discipline comes to be due to a precursor who legitimizes the creation of a field, allowing it to determine its object and to project its disciplinary horizon. When establishing language as the object of Linguistics, Saussure (and his *CGL*) had defined a common pattern in reference to which several linguistic currents came to be developed, from structuralism - which had system, deemed as structure, as its basic concept – to those trends which deny the reductionism imposed to this object in the theory set out by Saussure's book. Thus, a plurality of theories was created that even after the structural paradigm was superseded still need *CLG* in order to maintain Linguistics unity as a science.

**KEYWORDS:** Linguistics. Science. Discipline. Course in General Linguistics.

## 1 Introdução

A Linguística, embora tenha se fragmentado, a partir dos anos 1960 em diversas teorias, com objetivos, objetos e métodos diferentes, teve, em Saussure, ou no *Curso de Linguística Geral (CLG)*, o estatuto de cientificidade que lhe permitiu abrigar diversas correntes sob o rótulo de estudos da ciência da linguagem. O autor e a obra representam, então, o início da história dessa disciplina, a referência a qual todos os demais domínios devem marcar a sua posição, para constituírem-se como áreas específicas.

Embora, como se sabe, o *CLG* não tenha sido escrito por Saussure, mas organizado e publicado por C. Bally e A. Sechehaye, discípulos dele, é, contudo, tradição, como indica Normand (2009), creditá-lo ao autor suíço, a par de republicações críticas e de manuscritos descobertos por autores/editores que preconizam não estar no livro o “verdadeiro” Saussure. No entanto, o que interessa a este trabalho é o mesmo que importa a Normand (idem, p. 99):

<sup>43</sup> Professora da Universidade Federal de Pelotas – Pelotas/RS. E-mail: karina.giacomelli@gmail.com

<sup>44</sup> Professor da Universidade Católica de Pelotas – Pelotas/RS. E-mail: adail.sobral@gamil.com

“o destino de uma teoria lançada, em 1916, ao debate científico”. Vamos tomá-la, aqui, como o discurso fundador de uma ciência que se teve unidade nos seus primórdios, via abordagem estrutural, não conseguiu mantê-la por causa mesmo do gesto inaugural. Ao definir seu único objeto, a língua, determinando a imanência do sistema, abriu-se a possibilidade para uma proliferação de teorias que se iniciou com o gerativismo de Chomsky, mas que possibilitou o surgimento de várias outras se não ao mesmo tempo, imediatamente depois.

Porém, o que estas correntes apresentam em comum é uma impossibilidade: a de se estabelecerem na Linguística sem um gesto de retorno ao que está preconizado no *Curso de Linguística Geral*, seja para garantir o estatuto científico, seja para dialogar com os conceitos ali presentes, aceitando-os, reformulando-os ou se opondo a eles. Se, como aponta Normand (idem, ibidem), o debate científico da obra saussuriana continua, “ainda que a maioria dos linguistas de hoje faça pesquisas em outras áreas, geralmente ignorando Saussure”, é porque o *CLG*, mais do que o autor, constituiu a balizagem necessária para a configuração do campo de estudos da linguagem, organizado tanto em termos de filiação e concordância, como de oposição e ultrapassagem.

## 2 Ciência e disciplina: o *CLG*

Pode-se afirmar que a Linguística se configura como uma ciência a partir do *CLG*. Embora o método histórico-comparativo tenha se estabelecido como uma possibilidade rigorosa de trabalho sobre a linguagem, com as características que se convencionou atribuir ao fazer científico (objetividade, rigor metodológico, neutralidade, etc.) ou mesmo que várias das proposições do *Curso* já fizessem parte da reflexão de autores anteriores a Saussure (como a noção de arbitrariedade, discutida desde Platão), o acontecimento que foi a tomada das ideias contidas nesse livro é que propiciou a solidificação e o alcance que teve o estruturalismo. Somente a partir dessa corrente de estudos a Linguística pode reivindicar seu *status* científico, configurando-se no que se chegou a denominar “ciência-piloto das ciências humanas” (DOSSE, 1993).

O fato de se tomar o *CLG* como o discurso fundador da Linguística significa um retorno a Saussure. Uma ciência, para se estabelecer e conquistar a adesão de um grupo, necessita, em princípio, de um precursor, que “comece”, em um dado momento, a pesquisar o mundo cientificamente de um determinado ponto de vista, criando, assim, seu objeto a partir do(s) fenômeno(s) de que se ocupa. E é justamente o que faz o autor ao definir o objeto da Linguística com base na distinção entre língua e fala.

Nesse sentido, a história da Linguística se confunde com a história não apenas de Saussure, mas mais do *CLG*. Ainda que nos trabalhos do autor, desde os estudos de tradição comparativa até os cursos de linguística geral, possa ser percebida a busca dos parâmetros de cientificidade para o campo de estudos, seus objeto, método, conceitos e fundamentos, é apenas no livro que isso está bem especificado. Assim, tudo o que estava sendo pensado - e que culminaria nos cursos em um programa com apresentações, descobertas e dúvidas - vai se transformar na obra de maior importância para o surgimento de uma nova ciência, a Linguística.

Nesse sentido, o fato de Saussure não ter publicado o *CLG* também vai ser decisivo para o desenvolvimento dessa ciência. Muito do que estava nos cursos, e que são característicos do que Chiss & Puech (1995, 1999) denominam mundo científico - questões incompletas, dúvidas, hesitações, reformulações entre idas e vindas -, não é transposto para o mundo da divulgação, por meio do manual. Neste, escolhas são necessárias, recortes devem ser feitos, dúvidas suprimidas, pois não se pode ter uma obra baseada em incertezas. Incorrer nisso, além de não cumprir as exigências de rigor e cientificidade necessárias ao fazer científico da época, não poderia servir de apoio a todo um grupo de pesquisadores que, posteriormente, se

profissionalizaria como linguistas. Assim, o *CLG* representa uma escolha, feita pelos seus editores, do material que tinham disponível até o momento.

Estabelece-se, então, mais que uma teoria fundadora, creditada a um autor, mas um livro fundador, cujo fato de ser editado a partir de notas dos alunos que assistiram ao curso, pelos discípulos mencionados, foi decisivo para os rumos da Linguística. Como esse livro não representa fielmente as ideias discutidas nos cursos, como o provam edições críticas posteriores ou mesmo a publicação dos manuscritos e notas, criou-se, para a Linguística, uma fonte de referência que, mais do que a figura do fundador, apoia-se em uma série de axiomas presentes no *CLG*.

Segundo Chiss & Puech (1994), Saussure e o saussurismo, estabelecido via *CLG*, representam, para os linguistas, um domínio de pesquisas e um domínio de memória. Ambos são tomados como objeto de investigação científica, podendo ser discutidos, avaliados, transmitidos. Por isso, na configuração do campo da Linguística, os enunciados saussurianos continuam a ser admirados, explicitados, comentados e discutidos para definir um corpo de verdade e um domínio de validade para a disciplina, fazendo com que o já dito retorne sob a forma de avaliação, aceitação ou negação.

Para uma disciplina se estabelecer, segundo os autores (1995), são necessárias três modalidades de ancoragem disciplinar: filiação empírica, na qual se reivindica a continuidade de uma tradição a uma escola ou corrente; necessidade de divisão, ou seja, uma demarcação disciplinar no tempo que permite sua ancoragem em uma família de disciplinas, designando um campo diferencial ou apontando articulações; e uma fundação conceitual ou a figura de um precursor, um fundador que legitima uma refundação por reapropriação ou reação. É na ordem da legitimação que está situada uma disciplina, podendo definir seu objeto e projetar seu horizonte disciplinar (idem, p.106).

O modo de apresentação de uma disciplina pode compreender formas diversas, como expor as circunstâncias de nascimento, de crescimento e dos acontecimentos que permitem o seu desenvolvimento. Por isso, torna-se necessário escolher um ponto de vista para compreender essa história. Mas, frequentemente, o modo como isso é feito homogeneiza os diferentes aspectos da disciplina, não deixando espaço para legitimar novidades. O novo não pode entrar a título de fundação, mas somente de refundação, sem prejudicar a continuidade da qual procede. A Linguística estaria, então, sempre colocada em referência a uma tradição, uma institucionalização necessária para fundamentar seu campo científico.

Mas, não é somente a partir da referência a Saussure (e ao *CLG*) como lugar de origem e princípio de fechamento da regressão no tempo e da dispersão no espaço que se fundamenta essa consciência disciplinar. Na verdade, entendem Chiss e Puech, esta só foi possível depois que a referência a Saussure como constituinte foi adquirida a partir do estruturalismo, ou seja, a consciência disciplinar da linguística se dá de maneira retrospectiva, como um lugar de memória, longe do valor científico reconhecido das proposições contidas no *CLG*.

Por isso, para os autores (1994), não interessaria ir à fonte, buscando a aparição de um nome, uma obra e sua recepção primeira, mas seu destino cultural. O que importa não é marcar o momento em que um campo de saber se institui, qual acontecimento vai permitir a transmissão desses saberes, e sim entender como ele se transforma em referência específica a um campo. Assim, Saussure representa para a Linguística a passagem de uma recepção para uma herança acompanhada de lacunas, relocalações, ultrapassagens. Por isso, as leituras do acontecimento discursivo que foi a edição do *CLG* contribuíram para elaborar a memória e o horizonte disciplinar das ciências da linguagem, segundo os autores.

Essa elaboração aconteceu e acontece no campo da transmissão pedagógica, de transferência de conhecimentos, no domínio das ideias gerais. O ensino da Linguística e os trabalhos nessa área estão ainda vinculados a dois aspectos: de um lado citam o conceitualismo saussuriano, apontando o lugar fundador do "pai"; de outro, criticam a

ortodoxia saussuriana, mostrando o "pai", como aquele que poderia interditar algum desenvolvimento da linguística, e escrevem a sua própria história dessa ciência. Ou, nas palavras de Piovezani (2013, p. 151), “pai fundador”, que amorosamente possibilitou a concepção da disciplina, e a do ‘pai censor’, que odiosamente interditou seu pleno desenvolvimento”.

Chiss & Puech (1994) sustentam que as heranças se agarram ao pai na forma contraditória de homenagem ou decepção: como uma memória viva, correspondem a perseguir uma tarefa ou imitar os passos; como memória morta, apontam lacunas e imperfeições. Produzem-se, portanto, um efeito de memória (que não se confunde com efeito de consenso) e um efeito de reconhecimento que delimita um campo de debates mais homogêneo do que parece, mas não unânime como se poderia esperar. É um duplo movimento discursivo pelo qual a disciplina, ao mesmo tempo em que se representa, constitui-se em um esforço de memória no qual a ambivalência é uma dimensão constitutiva.

A figura de Saussure tem a função de garantir a unidade da Linguística ao fazer que se siga uma filiação. Por ser contraditória, essa função não pode representar um ato em si mesmo, pois, nesse caso, não haveria a unidade necessária. Ela acontece simbolicamente, de maneira operatória, uma vez que a Linguística precisa ser legitimada por uma referência comum. Essa referência comum, então, mais do que no autor, centra-se, principalmente depois da publicação das edições críticas e das notas manuscritas, na figura do *CLG*. São vários Saussures que emergem das diferentes fontes e, para a unidade do campo, e isso não é interessante, uma vez que rompe com a necessária unidade que estabelece uma disciplina científica. Assim, mesmo que se saiba, por exemplo, que o autor não exclui a fala dos estudos linguísticos, afirmando que a ela retornará (o que não conseguiu fazer devido à interrupção dos cursos decorrente de sua doença), permanece a ideia de que a Linguística (saussuriana) “tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1980, p. 271)

### 3 A definição do objeto: a língua e seus “restos”

Segundo Ducrot (2001), se uma pesquisa empírica somente se torna ciência quando constrói seu objeto, Saussure foi um dos primeiros autores a distinguir o campo de investigações da Linguística, ou seja, sua matéria - que compreende o conjunto dos fenômenos ligados à utilização da linguagem - e seu objeto - parte específica desses fenômenos que interessaria ao linguista. A este, Saussure denominou língua, àquela, fala. A oposição língua/fala é, então, o princípio que determina um objeto para a linguística, tirado da matéria que é a linguagem como um todo. É o início de uma ciência linguística autônoma, como aponta Lahud (1979), conquistada, entre outras coisas, graças a essa distinção.

Nessa mesma direção, Barbisan e Flores (2009, p.10-11) sistematizam que

A distinção entre língua e fala apresenta propósitos bem definidos: 1) o de mostrar sua [de Saussure] intenção de fundar a ciência da linguagem; 2) o de enfatizar a necessidade de definição de um objeto único e classificável para essa ciência; 3) o de defender sua tese de que esse objeto é criado a partir de um ponto de vista; 4) o de demonstrar, apoiado em vários argumentos, que esse objeto só pode ser a língua como é por ele entendida.

No *CLG*, marco inaugural de uma Linguística científica, observa-se que o autor, partindo de um conceito mais amplo - o de *linguagem* - busca definir o objeto da Linguística. Para Saussure (1980, p. 16), “a linguagem apresenta um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro (...), implicando ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução”. Esse conjunto heteróclito de formas é o que impossibilita à

linguística abordá-lo integralmente, uma vez que esta, para se estabelecer como ciência, deve procurar, na homogeneidade dos fenômenos que estuda, a regularidade de seu objeto. Por isso, “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (p. 16).

Saussure definiu como objeto de estudo para a Linguística a *língua*, ao estabelecer a dicotomia língua/fala. Elegeu a primeira por seu caráter homogêneo, concreto, social, definindo-a como um conjunto sistemático de signos e oposta a segunda, que é individual, ficando, por isso, de fora dos estudos linguísticos. Nas palavras do autor: “com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual: 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (idem, p.22). Delimita-se, portanto, um objeto científico - separando-se o que é geral e social do individual - e um objeto especificamente linguístico - separando-se o essencial do acessório. As variantes individuais são relegadas à fala, pois não podem ser tratadas sistemática e objetivamente. O que interessa é a relação interna dos signos do sistema linguístico, sendo que não se coloca qualquer ligação entre esse sistema com o exterior ou com o sujeito, pois isso seria do domínio da fala.

Esse duplo movimento torna evidente que as exclusões constitutivas do objeto centram-se no sujeito falante, pois é na fala que está a consideração do falante que utiliza o código da língua. Assim,

a exclusão de toda atividade do sujeito falante da esfera coletiva do linguístico e, conseqüentemente, a necessidade de escrever a língua sem referência alguma ao uso efetivo que dela é feito pelos locutores; tal parece-nos ser o princípio constitutivo fundamental, realizado pela oposição língua-fala da ciência saussuriana da linguagem”(LAHUD, op. cit., p. 96).

Desse modo, os fenômenos ligados ao momento da enunciação - remissão ao sujeito e à situação e a dimensão referencial - tomam-se apenas uma consequência segunda da utilização da língua, surgindo “ao nível do enunciado como meras incidências da própria realização” (idem, ibidem). A tarefa do linguista seria neutralizar essas incidências, buscando identificar e classificar as unidades distintivas do sistema língua, bem como suas regras combinatórias: “o objeto dinâmico transforma-se, então, num modelo estático, pois busca invariantes, que constituem o sistema, e relega as variantes ao extrassistêmico, colocando a estabilidade como elemento central da ciência da linguagem” (FIORIN, 2002, p. 17). A escolha da língua respondia, naquele momento, às exigências de cientificidade que se colocavam para a constituição de um objeto de ciência: ser delimitável e representável. No entanto, como indica Possenti (2001, p.8),

O limite estabelecido por Saussure para a língua, se, por um lado, representou um posicionamento bastante conforme às exigências mínimas de cientificidade, custou, por outro lado, a exclusão do objeto da linguística de numerosos fenômenos que parecem ser de crucial importância, principalmente se a língua é entendida como meio de comunicação, porque é empiricamente evidente que os falantes não se comunicam por signos.

Nessa mesma direção, está a seguinte consideração de Fiorin (op. cit., p. 17):

A estabilização do objeto produziu resultados consideráveis para a ciência da linguagem, pois permitiu entender os princípios que regem o sistema. No entanto, os modelos estáticos sobreorganizam o objeto e, por conseguinte, mascaram uma propriedade essencial da linguagem, seu dinamismo interno,

pois eliminam de seu campo de estudo tudo o que seria do domínio da inconstância, da indecisão, da concorrência.

A decisão teórica pelo objeto língua era, no *Curso*, uma necessidade, mas representou uma redução no tratamento da linguagem, ao excluir os fenômenos referentes à fala. A escolha pela regularidade mais visível do sistema língua inaugura o que vai se tomar o tratamento imanente do objeto, ou seja, aquilo que nele existe, é-lhe interior, sem interferência de uma ação exterior.

A delimitação de um campo, entretanto, coloca, de imediato, o problema do imanentismo. Definida uma área, muitos pesquisadores a ela se dedicam - no caso, a concepção do sistema, depois estrutura, vai dar origem a uma disciplina que, embora tenha alcançado um sucesso sem precedentes na história das ciências humanas, estendendo-se até mesmo fora dos domínios da linguística, acaba por ter seu método considerado excessivamente redutor e simplista, apesar dos notáveis avanços em diferentes campos teóricos. Foi assim que o trabalho com o já instituído e formalizado acabou fazendo que as suas limitações fossem ficando cada vez mais evidentes, as “inconveniências” mostrando a existência sistemática na língua daquilo que a linguística tentava deixar de fora de seu objeto.

Isso acabou abrindo espaço para o surgimento de outras correntes linguísticas e para a superação do estruturalismo como campo de pesquisa, tornando a teoria saussuriana (e o *CLG*, conseqüentemente) em certo sentido dispensável. Nas palavras de Normand (op. cit, p.18)

Considerado no desenvolvimento das ciências da linguagem, para a maior parte dos linguistas de hoje, o momento saussuriano é datado e, por isso mesmo, ultrapassado, qualquer que tenha sido sua consequência histórica. Um linguista pesquisador pode muito bem passar sem ele, conhecendo-o apenas por ouvir dizer ou por vagas lembranças; este é, inclusive, o caso geral.

No entanto, o que se quer manter aqui é a presença do domínio da memória como ponto de apoio para o desenvolvimento disciplinar do campo. Ou seja, mesmo que os linguistas atuais não precisem mais das ideias presentes no *CLG* para fundamentar suas pesquisas ou mesmo que a teoria saussuriana possa ser considerada “ultrapassada”, esse é um horizonte que não se pode ignorar de todo, sob pena de dissolução da unidade que mantém o que é e como se configura a disciplina científica denominada Linguística.

#### 4 Considerações finais

Segundo Maingueneau (1990), a resposta à questão *qual é o objeto de estudo da linguística?* dada pela definição *a linguística é o estudo científico da linguagem humana* pretende dar por encerrado o debate sobre a natureza do objeto, deixando apenas em aberto o problema metodológico para garantir o estatuto de cientificidade. Porém, Borges Neto (2004) considera que tanto a concepção do empreendimento científico em geral quanto da concepção de método e objeto em uma ciência particular estão em constante evolução histórica. Assim, quer se conceba tal evolução como linear e cumulativa quer como uma sucessão de revoluções científicas (como proposto por T. Kuhn), é claro que não se pode tomar por fixo o conceito de ciência, tampouco a caracterização do objeto de cada ciência.

Uma disciplina, “ao nascer” reivindica uma identidade própria, processo no qual seus defensores têm a tarefa de apontar razões que justifiquem a necessidade de um novo campo, diferente dos demais que o circundam. Trata-se, em um primeiro momento, de uma

reivindicação de autonomia, que somente ocorre com “um grito de independência e separação definitiva do campo de estudos que abrigava até então” (RAJAGOPALAN, 2003 p. 72). Em um segundo momento, depois de estabelecida no cenário acadêmico como uma disciplina independente das demais, começa-se a demarcar suas linhas fronteiriças, num movimento em que há a necessidade de manter a sua integridade tanto repelindo ataques de fora da área como os oriundos do lado de dentro. Em outros termos, é preciso “cercear os trabalhos que são desenvolvidos dentro dos seus limites, estabelecendo para tal fim um conjunto de critérios que serão utilizados para decidir se uma determinada proposta, digamos de cunho teórico, cabe ou não dentro dos limites estabelecidos para o campo” (idem, p. 73).

A partir disso, pode-se entender o desenvolvimento da Linguística no período pós-estruturalismo, no qual uma variedade de disciplinas surgiu, rompendo com o paradigma único. Trata-se de uma proliferação de teorias, nos termos de Feyerabend (1979, 1989), que, mesmo em oposição às ideias da obra fundadora, possibilitam a configuração da disciplina como constituída por diversas e diferentes correntes.

Essa noção de Feyerabend surgiu como oposição à representação da ciência como sistema único, pois o conhecimento científico deve se constituir a partir da multiplicidade de métodos, de experiências e com a concorrência de fatores culturais, históricos e subjetivos. Já que muitas das propriedades formais mais importantes das teorias são descobertas por contraste e não por análise, um cientista tem que introduzir outros pontos de vista, ou seja, comparar suas ideias com outras, e não ter como referência somente a experiência.

Por essa razão, não é possível falar de uma teoria da ciência, já que a ciência é um processo que irá se redefinindo permanentemente na prática social. A ciência será entendida, pois, como multiplicidade, relacionando uma perspectiva pluralista em tomo do método. Para o autor, a existência de um discurso único sobre a ciência não é capaz de explicar o trabalho científico real, que tem muito de caótico e imprevisível, um modo de agir que pode ser definido como anarquista. O intento por uniformizar a ciência não dá conta do trabalho que o cientista realiza, no qual ele age como um “oportunista metodológico”, disposto a transitar pelos diversos caminhos possíveis para alcançar seus objetivos em cada situação particular.

Para Feyerabend, a ciência é uma construção discursiva que, mesmo realizada a partir de uma determinada tradição, não deixa de tomar possível transformar as condições em que circula o discurso dominante. É preciso deixar de compreender a investigação científica como um todo e assumi-la em sua dimensão fragmentária, pois a ciência não é unidade, mas multiplicidade.

Assim, se o *CLG* é o discurso fundador da Linguística é também ele que possibilita que outros fazeres sobre a linguagem se estabeleçam, por mais distintos que sejam. São esses movimentos de retomada, de avaliação, de refutação, de ultrapassagem que fazem evoluir uma disciplina científica e permitem abrigar, em seu campo, a multiplicidade das teorias que surgem. Evoluir, no caso da Linguística, como mostra esse percurso, não significa apagar ou substituir uma teoria por outra, nem simplesmente acumular teorias ou saberes sobre o objeto, mas sim retomar e refundar, assimilativa ou refutativamente, o momento fundador. O fato de o *CLG* tornar-se desnecessário parece assim ser prova de seu sucesso em fundar a ciência da linguagem.

## REFERÊNCIAS

BARBISAN, L.; FLORES, V. do N. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, C. **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

BORGES NETO, J. O pluralismo teórico na linguística. In: BORGES NETO, J. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.

CHISS, J.-L. e PUECH, C. Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique moderne. **Langages**, Paris, n. 114, p. 41-53, jun. 1994.

\_\_\_\_\_. La linguistique structurale, du discours de fondation à l'émergence disciplinaire. **Langages**, Paris, n. 120, p. 106-126, dec. 1995.

\_\_\_\_\_. **Le langage et ses disciplines- XIX - XX siècles**. Paris/Bruxelles: Duculot, 1999.

DASCAL, M. As convulsões metodológicas da linguística contemporânea. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Vol. I. São Paulo: Global, 1978.

\_\_\_\_\_. & BORGES NETO. De que trata a linguística afinal? In: BORGES NETO, J. **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.

DOSSE, F. **História do estruturalismo**. v 1 O campo do signo. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DUCROT, O. Língua e fala. In: DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. 3. ed. São Paulo. Perspectiva, 2001

FEYERABEND, P. Consolando o Especialista. In: LAKATOS, I. e MUSGRAVE, A. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. Quarto volume das atas do Colóquio internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado em Londres em 1965. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1979.

\_\_\_\_\_. **Contra o método: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

MAINGUENEAU, D. L'unité de la linguistique. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 6, nº 2, p. 127-137, ag. 1990.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PIOVEZANI, C. Presenças do Curso de linguística geral na Análise do Discurso. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V do N.; BARBISAN, L. B. **Saussure: a invenção da Linguística**, São Paulo: Contexto, 2013.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

Submetido em 23/07/2016

Aceito em 15/10/2016